

**Time do Povo e Fiel Torcida:
as contexturas das construções simbólicas
do Corinthians em produtos editoriais
– entrevista com Celso Unzelte**

‘Time do Povo’ and ‘Fiel Torcida’:
the contextures of the symbolic constructions of
Sport Club Corinthians Paulista in editorial products
– interview with journalist Celso Unzelte

Núbia Azevedo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutora em Comunicação, Unesp-Bauru
nubiaazevedolhp@gmail.com

RESUMO: Entrevista a Celso Unzelte, jornalista, pesquisador e escritor, a respeito das construções simbólicas em torno do Sport Club Corinthians Paulista e a sua composição em produtos editoriais. O autor discorre acerca do processo de produção da obra *Bíblia do corintiano*, bem como no tocante à edificação e gestão dos conceitos simbólicos relacionados ao clube do Parque São Jorge. São abordadas questões referentes às antinomias que envolvem as representações do time paulista e a elaboração de livros em edições especiais.

PALAVRAS-CHAVE: Celso Unzelte; Construções simbólicas; Sport Club Corinthians Paulista; Produtos editoriais.

ABSTRACT: Interview with Celso Unzelte, journalist, researcher and writer, about the symbolic constructions around Sport Club Corinthians Paulista and its composition in editorial products. The author discusses the production process of the *Bíblia do corintiano*, as well as the construction and management of symbolic concepts related to the Parque São Jorge club. Issues relating to the antinomies involving the representations of the São Paulo team and the preparation of books in special editions are addressed.

KEYWORDS: Celso Unzelte; Symbolic constructions; Sport Club Corinthians Paulista; Editorial products.

Celso Dario Unzelte nasceu em São Paulo, em fevereiro de 1968. Autor de 18 livros, é também professor universitário e comentarista esportivo. Celso Unzelte realiza pesquisas a respeito do esporte mais popular do país, âmbito no qual se destaca *O livro de ouro do futebol*,¹ obra de sua autoria. Corinthiano, tornou-se também um dos principais pesquisadores da história do clube.

Parte integrante da tese “Do *mythos* ao *lógos*: um mapeamos das construções simbólicas em produtos editoriais acerca do Sport Club Corinthians Paulista”, a entrevista realizou-se de forma remota, via Google Meet, em janeiro de 2024. Nesta conversa, Unzelte discorre acerca do processo de produção da *Bíblia do corintiano*,² de sua autoria; e do *Nação Corinthians*,³ livro do qual é coautor. O pesquisador acredita que, apesar de ocorrer por parte do clube uma potencialização dos simbolismos à sua volta, sempre existiu no Corinthians um

¹ UNZELTE. *O livro de ouro do futebol*.

² UNZELTE. *Bíblia do corintiano: livro e documentos históricos de um centenário de conquistas*.

³ Corinthians. *Nação Corinthians*.

‘quê’ de diferente, a existência de evidências que justificam a produção de uma mística corinthiana.

Celso, como surgiu a ideia da *Bíblia do corintiano*?

A *Bíblia do corintiano* é uma exceção no meu trabalho. A base do meu trabalho é o *Almanaque do Timão*, que é a análise fria de resultados e biografias de jogadores e técnicos; talvez nem tão frias a partir dos comentários que eu faço, mas eu te garanto que são comentários muito menos apaixonados do que eram os do seu Antoninho de Almeida e dos que são atualmente, eu não sei se você acompanha nas redes sociais o Fernando Wanner. Wanner é quase messiânico né?! Acho legal ele fazer isso, mas eu sou jornalista, não me coloco em um papel assim. Por mim, eu colocaria 10 a 0 para o Corinthians em todos os jogos. O que eu quero dizer é o seguinte, que essa primeira literatura mais apaixonada, como diz o Plínio Labriola,⁴ ela se ocupava menos de dados e mais de ufanismo. Então eu lembro que por exemplo, seu Antoninho; agora recente-

⁴ NEGREIROS. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916*.

mente lançaram um pequeno livrinho com anotações do seu Antoninho lá no Corinthians, uma coisa só para sócios. O pessoal, o Raul Correia, que era lá do financeiro do Andrés, ele tem uma chapa né, uma chapa 83 de valores, uma das chapinhas do Corinthians e ele produziu esse material sobre o seu Antoninho. O seu Antoninho de Almeida passou a vida inteira querendo escrever um livro que ele chamaria ‘História de um grande clube escrita pelo próprio povo’, que ele nunca infelizmente conseguiu fazer esse livro da maneira como ele queria. E a própria história do seu Antoninho é comovente, ele não tinha os dois braços. Ele perdeu os dois braços quando era criança numa moenda de cana. Ele foi funcionário, não por 70 anos, mas ligado ao Corinthians de 1930 até o dia que morreu, em 2000. E ele respondeu sobre o Corinthians em um antigo programa ‘O céu é o Limite’ nos anos 1960. O próprio Lourenço no *Coração Corinthiano*⁵ fala: “Sem esse homem a história do Corinthians seria folhas ao vento”. E seriam mesmo porque era ele quem colhia. Ele passou a vida inteira por exemplo, falando da saga dos dois jogos contra Minas Gerais e

⁵ DIAFÉRIA. *Coração corinthiano*.

São Paulo do Bixiga. Dois jogos que deram vaga no Campeonato Paulista, e ele vivia falando “time dos operários, o time dos operários”, mas a data do jogo ele não dava. Precisei eu folhear o jornal todo do ano de 1912, e também até março de 1913, para descobrir que o jogo tinha sido em março de 1913.

Então eu acho que essa é uma primeira diferença assim do meu trabalho em relação aos outros. Você citou a *Bíblia do corinthiano*, aquilo é uma ideia mais editorial do Marcelo Duarte que era o dono da Panda Books. A ideia da *Bíblia do corinthiano* surge porque eu ganhei uma caixa de uma amiga minha que foi à Inglaterra, ela me deu uma caixa com um memorábilia da história do Chelsea, ela torce pelo Chelsea. E eu mostrei essa caixa para o Marcelo e o Marcelo falou: “vamos fazer uma dessa para o Corinthians?”, que estava se aproximando o centenário do Corinthians. Aí eu falei, vamos, podemos fazer. Aí eu juntei basicamente a memorábilia que tem lá, reprodução de jornal, Campeão de 54, reprodução do ingresso de 77, aquela história toda; e junto veio o livrinho que o Marcelo chamou de *Bíblia do corinthiano*, que ele brinca, fala que o Co-

inthians tem seus santos, São Neco, São Wladimir, mas eu não tive uma participação tão direta nesta ideia. Tanto que depois a mesma editora publica a *Bíblia do São Paulino* e a *Bíblia do Palmeirense*. Então, no fim, acabou não sendo propriamente uma ideia só do Corinthians. A gente sabe dessa devoção quase religiosa do corinthiano, mas não é uma obra assim tão diferente porque os outros dois também tem. E eu lembro que na época eu encontrei numa festa, num evento, um rapaz que era lá do departamento jurídico do Corinthians e ele contava que foi meio polêmico ali liberar *Bíblia do corinthiano*, porque estavam com medo de ofender religiões. Religiões constituídas, mas ele me disse que liberou. Mas enfim, o bastidor da tal da *Bíblia do corinthiano* é mais ou menos esse que eu te passei.

Algumas pesquisas mostram uma “preterição” dos torcedores pelos livros de seus clubes, o que pode justificar o fato destes produtos dificilmente ser disponibilizados em número grandioso. Com relação à Bíblia, qual foi a tiragem? Como chegaram a este número?

Olha, mais do que a tiragem, o que me assustou foi o preço na época. Eu lembro que, bom é uma caixa né?! Uma caixa enorme, não sei se você tem a caixa. A produção teve custos altos. E eu lembro que ela estava sendo vendida por R\$ 160,00. O que é muito mais, a média dos meus livros sobre o Corinthians é de R\$ 30,00. Em média, uns mais baratos, uns mais caros, mas em média são R\$ 30,00. *Os 20 maiores jogos, Os 10 maiores ídolos*, tudo isso aí era na casa dos R\$ 30,00, quando muito R\$ 40,00. E o Marcelo falou em R\$ 160,00, e eu falei: “Marcelo, não vai vender”. Nós lançamos inclusive no dia do centenário, na noite do centenário, 1º de setembro de 2010, ali na Avenida Paulista; e para a minha surpresa é um livro sobre o qual eu recebo royalties até hoje. Eu não sei te dizer o número de vendas, mas é muito significativo porque 10% de R\$ 160,00 são R\$ 16,00. Eu, pra ganhar 10% em cima daqueles livrinhos, pra ganhar R\$ 160,00 em cima daqueles livrinhos de R\$ 30,00, eu tenho que vender cinco livros. Então, tenho pra mim; eu também desenvolvo há 10 anos o aplicativo Almanaque do Timão, que nada mais é do que o almanaque em forma de aplicativo de celular. E a gente tem tocado o apli-

cativo nesses nove anos com muita dificuldade, um número muito baixo de pessoas. Nós cobramos R\$ 5,00 por mês e R\$ 70,00 por ano. Não, R\$ 70,00 nada, R\$ 35,00 por ano e mesmo assim nós estamos encerrando as atividades porque realmente o público é muito baixo. O público não enxerga. Eu acho que a gente tem um problema com a questão do público leitor no Brasil antes de tudo. Nesses projetos todo mundo se empolga, fala: “ah são 20 milhões de loucos, se 10% comprarem”, não chega. Não chega a 1% nunca, então temos muitas barreiras nisso. Eu não sei te dizer em termos de números de venda, mas eu sei te dizer que me parece que é um público, e aí eu já amplio o público do futebol em geral. Eu produzo muita coisa para o público do futebol em geral. Eu estou me convencendo cada vez mais que a gente faz coisas para menos pessoas que não se importariam em pagar mais. A *Bíblia do corinthiano* é um exemplo disso.

Como foi o processo de licenciamento do livro? Foi necessário solicitar uma autorização? O clube realiza uma revisão da obra?

Bom, eu sempre faço questão de tentar fazer os produtos licenciados, porque eu como jornalista defendo a ideia de que o clube de futebol precisa enxergar todas essas coisas como fontes de renda. Então, até para ser coerente com o meu discurso, eu gostaria que todos os meus produtos fossem licenciados. A questão é que os clubes infelizmente, aí não só o Corinthians, mas os clubes nos tratam como se nós fizéssemos bonés, chaveiro, caneta. Eles não entendem o valor cultural disso. Eu já tive sérios problemas inclusive, em outras administrações, isso varia muito de administração para administração, mas já chegaram a ligar na minha casa querendo rever contrato do aplicativo porque o dinheiro não entrava. Então, segundo eles, não seria um produto interessante. Aí eu falei pelo telefone: “Olha ainda bem que vocês me ligaram mesmo porque isso aí só me dá prejuízo. Eu mantenho esse aplicativo porque gosto e porque sou corinthiano. Se vocês quiserem me liberar disso, estejam à vontade”. Aí num segundo momento alguém percebeu que era importante pro marketing, para eles chuparem meus números, enfim e aí a coisa ficou até hoje mal parada. O clube em alguns momentos até, em administrações

anteriores chegaram a colocar *Almanaque do Timão* na própria camisa do Corinthians. Mas a gente tem muito problema com rede social, com site. Os clubes terceirizam isso, é uma questão muito política. Eles realmente não nos enxergam como parceiros no sentido deles. Eles querem só ceder a marca e colher frutos, e não é assim que a coisa funciona. Por lei, toda vez que você trabalha com informação, você não precisa pagar royalties. Você precisa pagar royalties em cima do uso do escudo, em cima do direito de imagem de jogadores, técnicos, aí entra toda uma questão jurídica que dificulta essa situação. Muitas vezes já falei, em diversos momentos: “Se vocês pagassem um mês de salário desses jogadores que não dão certo para montar um departamento histórico decente vocês não precisariam de mais nada”. Mas isso não é uma prioridade, infelizmente, porque não dá dinheiro né?! Não dá dinheiro no volume que eles querem. Não se vende tanto. Aí entra naquilo que você falou, o torcedor não enxerga o livro como um bem, como ele enxerga uma camisa ou até mesmo um chaveiro, enfim, coisas menos culturais.

Em uma das matérias que li sobre a Bíblia, vi que a pesquisa para a sua produção durou 15 anos. Como foi o processo de seleção dos fac-símiles que entrariam na caixa? Existiu um critério para seleção destes documentos?

É, eu acho que assim, toda a minha produção em relação ao Corinthians é em cima de uma base de dados que é o *Almanaque do Timão*. Quando eu falo que a produção para Bíblia durou 15 anos, não era propriamente para a Bíblia, era em cima do trabalho *Almanaque do Timão* e de onde eu tiro subprodutos, no melhor sentido da palavra subprodutos. A Bíblia é um deles. Para transformar em Bíblia, aí a gente tinha que ter um apelo bastante visual e iconográfico. Coisas que as pessoas pudessem pegar, mexer, então nós trabalhamos em dois sentidos. Um dos sentidos era cobrir os grandes momentos da história do clube. Tinha que ter alguma coisa sobre o campeonato de 54, do IV Centenário, e aí a gente reproduziu a primeira página do jornal *A Gazeta Esportiva*; que aliás eu tenho original aqui, guardado pelo meu velho tio Túlio, meu falecido tio Túlio. Quando estava doente fez questão de me dar e falou: “ó, você vai guardar”. Aí, por uma questão também comercial,

resolvemos substituir por uma reprodução da página de jornal lá do arquivo da Gazeta que estava mais bem conservada. Tinha que ter alguma coisa de 77 e aí nós reproduzimos os ingressos da final de 77; tinha que ter alguma coisa do Mundial de 2000, e nós reproduzimos o ingresso também de 2000. Tinha que ter alguma do Brasileiro de 90, também tem reprodução do ingresso. E um outro caminho era coisa que eu já tinha a mão. Eu tinha uma xerox de uma foto assinada do time bicampeão paulista de 1951-52, assinada por todos os jogadores. Quem me deu essa xerox foi um senhor que eu conheci no estádio, numa noite em 1992, que o Corinthians perdeu do Inter de Porto Alegre de 4 a 0. O senhor chamado Sr. Daniel era professor de português e assessor de imprensa do Rui Falcão, jornalista e político. Aí conheci o Sr. Daniel lá no estádio, dei carona pra ele até a casa dele e ele me fez entrar, me deu um vinho do Kibutz e aquela xerox do time campeão de 52. Então eu utilizei aquela xerox. Então trabalhamos em duas mãos. O memorabília que eu tinha e o memorabília que a gente precisava correr atrás, em função do título, em função

daquele marco na história do Corinthians. Foi um trabalho bem gostoso de fazer.

Você também contribuiu com o livro *Nação Corinthians*. Esse *collectors book* foi lançado em edição limitada, para colecionadores, comercializado a um alto valor. Assim, podemos concluir que ele é destinado a uma parcela da torcida do Corinthians que possui alto valor aquisitivo. Pensando na *Bíblia do corintiano*, o público-alvo foi também definido de forma restrita ou consistia no corinthiano de modo geral?

Não, é claro que a gente sabia que a produção de uma Bíblia como aquela ia custar caro. Inclusive a própria negociação com o Corinthians. O Corinthians para oficializar mordeu um pedaço dos royalties. O Marcelo conversou comigo para eu abrir mão também de um pedaço do meu, dos meus direitos e eu cedi. Mas ali houve um problema mais de custo mesmo, de se fazer. É difícil fazer uma Bíblia a um preço mais baixo, a caixa demanda custo, o corte, são papéis diferentes, a própria inserção daqueles papéis, ela é manual, você tem que pagar

alguém pra botar um daquele em cada uma, sem erro. Então tudo isso tem custo a parte. Ali foi mais uma questão de custo. O da editora Toriba que eu também acompanhei bem de perto, o *Nação*, está inserido – e eu não sei se você sabe, mas depois ele fez uma versão menor do *Nação* –, que eu também tenho aqui, aquilo está inserido em um contexto maior. Eles não fizeram só livro do Corinthians, eles fizeram livro sobre a Ferrari, eles fizeram livro sobre o Roberto Carlos, cantor. Fizeram livro, ou se inspiraram, se não me engano, se não foram eles que fizeram, eles se inspiraram num livro sobre o Muhammad Ali. Acho que fizeram um livro sobre charutos, whiskys. Enfim, aquela ideia é dar um presente diferenciado, isso quem me falou foi o pessoal nas reuniões. Dar um presente diferenciado para quem já tem tudo. Então usaram o Corinthians como paixão, como são outras paixões aí, a Ferrari, o Roberto Carlos, qualquer outra. Outro tipo de paixão de pessoas de um poder aquisitivo mais alto. A gente não pode esquecer, tem o estereótipo do corinthiano pobre, mas o Corinthians é maioria em todas as classes. O Corinthiano é maioria entre os ricos, inclusive o corinthiano é maioria entre as mi-

norias. Um dia nós vamos viver em um mundo suficientemente civilizado em que o marketing do Corinthians vai brigar com o São Paulo. Essa coisa do estereótipo, que o São Paulo até não gosta dos homossexuais ligados ao São Paulo. O Corinthians tinha que puxar isso pra si. Falar assim: “Nós somos maioria também entre as minorias”, ou as chamadas minorias né?! Então, essa é uma outra questão, talvez em um mundo mais civilizado do que o que a gente vive hoje. Mas o fato é que também tem essa coisa do corinthiano, as pesquisas mostram muito corinthiano nas classes altas. Esse era um livro na faixa acho que de R\$ 5.000. Quando me chamaram para fazer os textos eles falaram: “Ah quanto você quer ganhar para escrever os textos?”. Eu falei: Eu quero um livro porque acho que vocês não vão me pagar R\$ 5.000 para fazer. No fim me pagaram o freelancer e ainda me deram o livro, felizmente eu tenho o livro aqui, o *Nação*. Eu tinha muito medo de não ter esse livro. Mas é uma outra concepção. Ali sim muito mais ligada a uma ideia ali da editora Toriba de fazer esses chamados livros de luxo. Até para chamar atenção pelo tamanho,

pelo peso, foi um marco na época. Mas é, sem dúvida, uma ideia comercial bem diferente da *Bíblia do corinthiano*.

Direcionar um produto como este, especial, ligado ao Centenário, para esta parcela de torcedores do Corinthians, não representa uma ruptura com o ideal de Time do Povo, com essa ideia da origem humilde, de torcedores humildes?

É, sem dúvida não é a cara do Corinthians. A cara do Corinthians é outra, é mais popular. Eu, particularmente, não sou contra. É mais ou menos como a questão da elitização dos estádios. O problema da elitização dos estádios não é ter ingressos caros, é ter menos ingresso barato. É tomar o espaço dos ingressos mais baratos. Então eu sou corinthiano desde sempre, desde os nove anos de idade, desde que foi campeão em 1977. Mas quando eu comecei a acompanhar assim no estádio eu era um office boy e eu gastava quase todo o meu dinheiro nos ingressos pro Corinthians. Hoje um office boy não tem condições de ser um Fiel Torcedor. “Ah, mas na média é mais barato”, mas não importa, o cara não tem aquele dinheiro. Eu tive prova disso em 2000 quando lancei o *Almanaque do Timão*

por R\$ 12,00, R\$ 12,90 nas bancas. Em 2000, achamos que estávamos fazendo um grande negócio. Naquela semana fui em um treino do Corinthians, fui abordado por um menino de chuteirinha debaixo do braço, que era lá das categorias de base. Ele tinha me visto no programa Cartão Verde, falar do livro, e ele me perguntou se eu não tinha um livro, porque ele tinha visto na banca que era R\$ 12,90, mas R\$ 12,90 significava 10% de tudo que entrava na casa dele. Era um salário mínimo, R\$ 120,00. Eu então fui no meu carro e dei um livro pro menino. Você percebe como a gente se engana. Fica nesse nosso mundinho e não percebe. Agora, eu não sou contra ampliar. Como eu te falei, o Corinthians também tem uma parcela significativa entre os mais ricos. Só não pode esquecer dos mais pobres. Tem que ser para todo mundo.

Eu acho que o problema está na exclusão. É o caso das camisas um pouco mais baratas. Que todo mundo reclama da pirataria, mas é porque é o que as pessoas têm acesso. Então, que tivesse um livro Nação no centenário, ótimo. Mas desde que acompanhado de outros tantos, que até teve. Eu mesmo vi ali uns mais baratos, tinha outras opções de acesso né?! Essa é

uma velha discussão, por isso que eu te falei que a tese do Plínio Labriola lá chama Resistência e Rendição: os primeiros anos do Sport Club Corinthians Paulista. O que que ele quer dizer com resistência e rendição? Ele quer dizer que o Corinthians foi fundado como um time de bairro, no Bom Retiro, para jogar futebol da várzea, por gente muito humilde. Os primeiros jogadores, o Neco, o velho Neco, ensinou o zagueiro Fúlvio, Fúlvio Benti, a assinar o nome dele para pelo menos preencher a súmula, porque nem assinar o nome eles sabiam. Era um time de operários. E aí há um momento em que o Corinthians tem que se render ou resistir. Aí vem algumas ideias do tipo: “Vamos mudar a sede para o centro da cidade?”, “Vamos jogar futebol oficial ao invés de jogar só na várzea?”, “Vamos sair do Bom Retiro para a Praça da Sé?”, “Vamos dar títulos de sócios para gente como o dentista João Batista Maurício lá do Bom Retiro?”, ou como o Antônio Alcântara Machado, vereador que ajudou muito a arrendar o terreno para o primeiro campo na Ponte Grande. “Vamos dar o salto?”. Essa era a questão do Corinthians. E aí as pessoas se dividiram. Algumas queriam resistir, “não, vamos ser fiéis às nossas raí-

zes”. E outras resolveram se render, “não, traz os pistolões”. Que na época chamavam pistolão né?! O cara com diploma, o dentista, o engenheiro, o vereador. Vamos mudar a sede para o centro. A gente viu um exemplo disso agora a pouco. Tinha quem resistisse querendo ficar no Pacaembu, e tinha quem se rendeu aos encantos de uma Arena moderna onde teve jogo de Copa do Mundo. Então a história do Corinthians é toda essa, de resistência ou rendição. Essa história é contada, essa história volta toda hora. Essa questão que você propôs, “ah, mas ter um livro de R\$ 5.000 não está na contramão do que é o Time do Povo?” Está, mas é uma rendição, ou pode ser também um complemento, depende da ala que você estiver ouvindo.

Uma das principais construções simbólicas em torno do Sport Club Corinthians Paulista é a de Time do Povo. Na sua visão este simbolismo se deu de forma natural ou foi uma estratégia consciente dos gestores para diferenciação do clube das demais agremiações?

Eu acho que a potencialização existiu, mas sempre teve um ‘quê’ diferente no Corinthians, o Corinthians sempre atraiu as

minorias. O Corinthians sempre foi mais ao leste. O Corinthians sempre foi primeiro dos operários, depois dos negros, depois dos migrantes do interior de São Paulo, depois dos migrantes dos outros estados, dos nordestinos. Teve a questão dos 22 anos sem título, daquela valorização do sofrimento. Um fenômeno que na minha opinião não ocorreria nos dias atuais porque as pessoas hoje são muito mais voltadas para valorizar o ter do que o ser. As gerações atuais não acham nada bonito não ser campeão, ter time ruim. Tanto que elas acompanham o futebol europeu, porque elas estão atrás de qualidade, estão atrás de craque. O Corinthians de essência, ele não está preocupado com isso, ele torce pro Corinthians. O adversário, a divisão em que está, tudo isso. Eu acho que com o tempo, e é natural isso, as novas gerações estão perdendo um pouco isso. Você conversa com, meu pai tem 94 anos, ele é corinthiano desde os seis anos de idade. E agora na passagem do ano a gente estava conversando, ele falou: “Não sei porque eu sou corinthiano, eu sou porque sou”. Essa coisa independente de qualquer coisa. Eu acho que nos últimos tempos isso tem se perdido. Acho que se os 22 anos sem ganhar um cam-

peonato fossem de 2000 a 2023, a gente não teria a bonita história que teve pra contar de 1954 a 1977. Aquilo foi um fenômeno que transcendeu o futebol, tinha peça de teatro sobre o Corinthians não campeão. Tinha filme, filme do Mazzaropi, *O Corinthiano*. Tinha música, tinha cartaz em bar, em boteco: “Fiado só quando o Corinthians for campeão”. Então se tornou um case social, você nem precisava acompanhar futebol para ouvir falar nisso, do time que não era campeão. E de uma torcida que só crescia atrás disso. Eu acho que as condições da sociedade hoje já não são as mesmas. Agora é muito, como você enxerga né?! Eu, ideologicamente, eu gostaria muito que o Corinthians fosse essa coisa pura, dos operários. Mas se você conversar por exemplo com Victor Birner, que é jornalista, e que é são-paulino, ele tem uma tese que é totalmente oposta. Ele garante que o Corinthians é o time do status quo, do governo, das empreiteiras, enfim, da própria mídia. Os outros torcedores são muito enciumados. Quando ganham um campeonato falam: “Ah se fosse o Corinthians saía livro, saía filme”. Por que não sai? Não sai porque não tem o mesmo apelo. Outro dia num grupo de *WhatsApp* tinha um pessoal, um

até ficou bravo com o outro, porque a TV Cultura estava mostrando umas retrospectivas do programa *Grandes Momentos do Esporte*, e aí fez um *Grandes Momentos do Esporte* especial sobre o Corinthians Campeão Paulista de 1977. E aí um são-paulino despeitado no grupo colocou: “É, o São Paulo foi campeão brasileiro naquele ano, porque não tem um *Grandes Momentos do Esporte* sobre isso?”. Aí um corinthiano espirituoso respondeu: “Talvez por falta do adjetivo ‘grandes’” [risos]. É isso, não dá pra medir, pra mensurar. Essa métrica burra de hoje em dia. Ah porque Paulista, Brasileiro é maior do que Paulista. O Corinthians foi campeão em 1977, São Paulo era o nosso mundo. Nós fomos campeões do mundo. Do nosso mundo, nosso mundo era aquele. Era um mundo sem internet, sem celular, que a gente namorava mais tarde do que essa molecada aí que já está namorando com 13, 14 anos. Eu com 13 anos estava empinando pipa. Era um outro mundo. Isso não pode deixar de ser contextualizado.

Agora eu acho que tem duas frentes. Você perguntou essa coisa, se é natural do Corinthians ou se é uma construção. Eu acho que as duas coisas se retroalimentam. Existe uma

construção porque tinha uma brecha para isso. Claro que não é do nada. Você tem registros. A invasão do Maracanã, por mais que queiram alguns desvalorizar, dizer que era tudo flamenguista e vascaíno que estavam lá, o que é uma grande bobagem né?! É só ver o número de pessoas que se deslocaram na época. Que não tenham sido 70 mil, que tenham sido 50, 40, 30, fecha em 20. Ainda é grande coisa. Era uma época em que não tinham rede social, não tinha meio de comunicação, não tinha nada. A gente estava às portas de um racionamento de combustível, postos iriam logo fechar de fim de semana e queimou-se uma gasolina e um diesel danado para metade daquele Maracanã ser de gente que veio de São Paulo. Isso não é todo mundo, não é qualquer um que faz. A mesma coisa se repetiu no Japão. Então há evidências. Por mais que queiram discordar, desvalorizar. E eu falo como jornalista: só tem uma coisa pior que o corinthianismo cego, é o anti-corinthianismo, esse é uma coisa irritante. Tem gente com muito boa formação que insiste em ser anti-corinthiana por ser anti-corinthiana. Porque é aquela coisa do “ah, já que eu não sou eu vou negar”. Isso existe na política, nos gêneros

musicais. A resistência a aquilo que chama muita atenção. E o Corinthians, pode falar o que quiser, mas ele antes de tudo, ele chama atenção, de uma maneira diferente. Para o bem ou para o mal, inclusive em relação aos que torcem contra. Não se catalisa tanta gente contra assim à toa. Existe uma força em movimento aí, existe algo. Que em algum momento de fato, talvez tenha sido exagerado nessa literatura, nessa representação, mas tem um porquê por trás disso aí. Tem uma legião de pessoas que se orgulham disso. O sorriso que um corinthiano abre quando sabe que está encontrando outro corinthiano. O corinthiano tem orgulho, o olho brilha como dizem os meus filhos. Os meus filhos dizem que o meu olho brilha de uma maneira quando eu falo do Corinthians que não é com outra coisa. É uma coisa espontânea. Em contraposição até a outros torcedores, tem torcedor que adora falar que não acompanha, que acompanha de longe, que não está vendo, que acompanha golfe, vôlei, basquete. O corinthiano você não ouve falar disso, o corinthiano tem orgulho de ser corinthiano sempre. Corinthiano não praticante é uma exceção. Claro que existem, mas o corinthiano antes de tudo é muito envolvido. O Corinthians é

uma parte cotidiana da vida das pessoas. As pessoas pensam no Corinthians de manhã, de tarde, de noite. Pessoas com formações, as mais diversas, eu acho uma coisa fantástica isso.

Pensando na construção simbólica de Fiel Torcida. Podemos dizer que o período de jejum, de 1955 a 1977 foi um período de legitimação dessa construção? A partir dali é que se inicia o viés do corinthiano, maloqueiro, mas principalmente sofredor?

É, eu te confesso que eu ainda devo uma pesquisa mais apurada a respeito do termo 'Fiel'. Eu tenho impressão que o Thomaz Mazzoni, que era quem tornava esses termos mais conhecidos aqui em São Paulo pela *Gazeta Esportiva* né?! Mosqueteiro, Piriquito, o nome dos clássicos: Derby, Majestoso, Choque Rei. Eu tenho a impressão, mas ainda não fiz essa pesquisa, que o termo Fiel Torcida já era utilizado nos anos 40 no período do primeiro jejum. Que a gente não pode esquecer que o Corinthians fica sem ser campeão de 1941 a 1951 também, só vendo São Paulo e Palmeiras campeões. Então o 'Fiel', eu acho que vem de um pouco antes, porque sempre foi o clu-

be que arrastou multidões nos seus jogos. O corinthiano sempre foi um frequentador de estádio muito mais praticante que os outros. Na época em que o Palmeiras do Ademir da Guia ganhava tudo, o Palmeiras chegou a fazer uma campanha. Tem até na Revista *Placar*, eu acho que tinha campanha na televisão também, o time posado do Palmeiras, aquele time clássico: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca, Dudu e Ademir da Guia, Edu Bala, Madruga, Leivinha e Nei, e com a frase: “Estes homens precisam de você”. Para o palmeirense ir ao campo e o palmeirense sofreu um fastio de títulos. Depois, de 1976 a 1993 sofreu, mas teve uma época que o palmeirense não ia. São-paulino então era conhecido por só ir na boa. Até a popularização do São Paulo, com o time do Telê nos anos 1990, o São Paulino era conhecido como a torcida que só ia na boa. A do Santos passou a existir a partir do Pelé, com o pessoal mais jovem. Antes não tinha a torcida do Santos, pelo menos não no nível das outras grandes torcidas. E o corinthiano não, o corinthiano ia sempre. Tem registro inclusive de cariocas que vieram para São Paulo, principalmente jornalistas a quem eu tive acesso, e eles contam que no Rio eles cos-

tumavam ir pro Maracanã, até porque o Maracanã era fácil né, central. Eles iam junto com amigos para ver jogo de todo mundo. Ver o Botafogo do Garrincha, ver o Flamengo, ver o Fluminense, independente do time que eles torciam. E aqui em São Paulo eles percebiam que o torcedor que mais tinha esse hábito era o torcedor corinthiano, então já tinha essa coisa do estádio.

É, quando é campeão em 1954, tem um discurso do Pedro Luiz, logo que acaba o jogo em que ele fala que o campo está sendo invadido por alguns representantes da maior torcida paulista. Então já era reconhecidamente a maior torcida de São Paulo. O sofrador não, o sofrador é mais ligado àquele período. Sem título, sem vitórias sobre o Santos, sem vitória sobre o Pelé. Aí é uma outra saga. A saga que finalmente acaba em 1977. Era um tempo mais simples, as torcidas eram particulares, o torcedor era civil. Eu ia pro estádio, a gente fazia a nossa própria bandeira de pano, de cano de PVC. Não era torcida organizada. Tinha as torcidas organizadas, mas aquele espetáculo quem proporcionava era as pessoas, o torcedor civil. Era mais barato, o ingresso era acessível, era uma outra

maneira de se viver. Mas o corinthiano sem dúvida era um frequentador assíduo de estádio, é por isso que essa questão da elitização bate muito forte na torcida do Corinthians. Porque sempre foi antes de tudo uma torcida popular, uma torcida das classes menos abastadas e que dava o seu dinheirinho lá pro jogo de futebol. Só você pegar as médias de público campeonato a campeonato, você vai perceber que o Corinthians sempre liderou, estando bem ou estando mal. E isso desde os tempos, vamos chamar menos, menos comerciais. Até esse horrível Campeonato Brasileiro que fez esse ano com média de 40 mil pessoas para não verem nada. As pessoas vão lá para ver a camisa do Corinthians. Então, não é uma campanha espetacular, não é um craque que é fora de série, não tinha nada disso. O corinthiano continua, pra usar essa expressão, que a gente ainda precisa de uma pesquisa mais apurada pra saber onde começou, continua Fiel. Essa coisa do Fiel, é um torcedor diferente nesse sentido. O corinthiano sempre teve essa cultura *in loco* né?! Estar no estádio. “Eu estava lá”, “eu fui”, “eu viajei”. Talvez até por não ter um estádio, agora tem um estádio, mas durante muito tempo se falou que o Corinti-

ans não precisava de um estádio porque ele fazia a sua casa em todo lugar. A torcida ia e ocupava. Você tem registros de ocupações já nos anos 1930. Em 1931 quando se decidiu o campeonato de 30 houve uma grande invasão a Santos, de trens inteiros de corinthianos. Muitos morreram na volta porque comemoravam o título sem camisa em cima dos vagões, isso nos anos 30. Até nos anos 40. O Corinthians voltou a ser campeão na Vila Belmiro em 1941 e na volta o pai do Boni – que durante muitos anos foi o todo poderoso da Rede Globo –, o pai do Boni morreu numa dessas invasões. Morreu de pneumonia como consequência de uma dessas invasões. Então tem muita história do corinthiano como corpo. Antes mesmo da Gaviões, antes mesmo da torcida organizada. Essas manifestações ligadas ao Corinthians existiram desde sempre e também motivaram o tipo de produção que a gente falou aqui. Essa coisa, uma coisa retroalimentando a outra né?! Produção de toda uma mística a partir de fatos que justificavam essa mística.

Em sua opinião, hoje como um dos principais pesquisadores da história do Corinthians, o clube se preocupa com

a questão da identidade organizacional ou apenas retroalimenta estas construções simbólicas, de Time do Povo e de Fiel Torcida, com o objetivo de obter vantagem no mercado?

Eu acho isso tão difícil de definir. Porque isso vai tanto em função de quem está no poder né?! O poder acabou de mudar. Na administração anterior a gente via essas coisas muito mais da boca para fora do que na prática. Se dizia um time democrático, um time preocupado com questões sociais e ao mesmo tempo escolheram um técnico aí que tinha um problema que acabou resolvendo só depois. Se é que resolveu, mas enfim, sobre uma acusação de estupro, o técnico acabou ficando só duas partidas. Então, na prática, infelizmente o próprio futebol feminino do Corinthians, que foi o responsável por absolutamente todas as glórias do ano passado, você não via nenhuma manifestação por parte do futebol masculino em relação a isso. Então, internamente, me passa muito a impressão de que o Corinthians não justifica seus atos teóricos na prática. Eu queria ver mais coisas na prática. Uma coisa mais coerente no sentido do caminho que o Corinthians está tri-

lhando. Talvez eles tenham algum tipo de medo, porque a torcida tem também maioria entre os conservadores. Porque tem corinthiano conservador, claro que tem, e tem direito também de ser. Tem corinthiano reacionário, tem corinthiano terraplanista. E aí eu acho que é uma junção complicada. Acho que tem essa questão política, poucos clubes no Brasil têm coragem. De se posicionarem, de serem coerentes o tempo todo. Você vê muita manifestação no papel. Contra racismo, contra homofobia, eu queria ver mais atitudes na prática, inclusive do Corinthians. Do futebol em geral, que é um meio muito retrogrado, reacionário, conservador, mas o Corinthians dentro disso, ele tem uma história, ou pelo menos um pedaço de história a zelar. A própria Democracia Corinthiana, e eu falo muito isso, a Democracia Corinthiana é uma exceção na história do clube. O clube em 110 anos de história você pega de 10 a 20 anos para meia dúzia de caciques. Alfredo Trindade, Vicente Matheus, Wadih Helu, o Andrés mais recentemente, variando as nuances de quem estava no poder, mas era o “Andrésismo” ainda né?! Em 100 anos de Corinthians citei cinco nomes aqui que morderam 70% da vida política do clube. Então

a Democracia Corinthiana foi uma exceção. Não é o clube da liberdade, da democracia, o tempo todo não.

Para fazermos uma comparação com a literatura apaixonada do Plínio Labriola, citada por você. Em sua visão, a comunicação do clube, atualmente, busca se amparar mais nos dados e menos nos ufanismos? Procura uma linguagem mais direta e menos romântica? Para exemplificar, a gente observa tanto na *Revista Corinthians* de 1933, como no livro *Nação*, uma preocupação maior em ressaltar a grandeza do clube e não os simbolismos em torno da agremiação.

Aí tem duas coisas. Primeiro o tempo. A revista é de 1933, então era um momento de afirmação. Um clube de 23 anos que precisava se afirmar como grande. E era uma produção interna, do Corinthians para o Corinthians, pelo Corinthians. No caso do Diaféria, acho que tem uma característica aí, ele era antes de tudo um cronista. A escrita do Diaféria, independentemente do texto que ele escrevesse, e ele foi um grande cronista durante anos, da *Folha de São Paulo*, do Jornal das sete horas da Rede Globo, tinha crônica do Lourenço Diaféria

toda noite. Ele era um cronista, ele não estava preocupado com dados. É uma romantização da história do Corinthians. Muito bem feita, por sinal. Acho que no momento o Corinthians não tem nem uma visão sobre isso, ou se tem essa visão nunca me passou. E também não tem obrigação de me passar porque eu não sou funcionário do Corinthians. Eu sou um jornalista que pesquisa a história do Corinthians. Tenho a impressão de que ultimamente, na medida em que tem legitimado o trabalho do Fernando Wanner, a tendência é ser mais apaixonado, porque o Wanner é apaixonado. O Wanner é o herdeiro de uma literatura apaixonada, como a do Seu Antônimo, quase místico em alguns momentos. Isso está em redes sociais, ele é apresentado como historiador do Sport Club Corinthians Paulista. Então, quero crer que no momento o Corinthians tenha feito uma opção em relação a isso, ou pelo menos uma concessão em relação a isso. Está assinando embaixo. Acho que é a política, mas sinceramente não acho que haja uma política, uma preocupação no Corinthians em relação a isso. Acho que isso vai muito ao sabor das necessidades de momento, de campanhas muito pontuais, específicas, de ne-

cessidades ali de rede social, do que dá mais clique. Estão mais preocupados com isso.

Houve alguma consulta a você ou alguma relação com a Bíblia, o lançamento da campanha Corinthianismo?

Não, não. Aquilo foi por conta do marketing ali naquele momento e não me consultaram nada. A única coisa nesse sentido foi quando a gente quis registrar o nome *Bíblia do corinthiano*. Dentro do clube houve uma certa resistência, mas aí eu acho que acabou vencendo aquela ala que assume o corinthianismo como algo próximo de uma religião. Não precisa ser ofensivo a ninguém. Eu acho que o sentido disso, a gente não está querendo substituir a religião de ninguém. A gente está querendo definir um sentimento mais próximo do sagrado, como você colocou. Eu acho isso natural. Tem aí uma certa aproximação inclusive com outras coisas, como São Jorge como padroeiro do clube, o dia de São Jorge, a capela de São Jorge. O próprio Wanner lá nas aparições dele usa a capa de São Jorge, carrega um São Jorge para dentro do gramado. Eu acho tudo válido. As pessoas hoje em dia estão se ofendendo de-

mais com tudo né?! Tudo é excludente. Ao falar que o corinthianismo é uma religião, não estou desmerecendo o catolicismo, o protestantismo, o budismo, o espiritismo, que nem se define como uma religião, mas como uma doutrina. Mas enfim, são crenças. Eu particularmente sou mais corinthiano do que qualquer outra coisa. Se eu for definir a minha religião, minha religião é o Corinthians.

* * *

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Núbia. **Do *mythos* ao *lógos***: um mapeamento das construções simbólicas em produtos editoriais acerca do Sport Club Corinthians Paulista. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, 2024.

CORINTHIANS. **Nação Corinthians**. São Paulo: Toriba, 2011.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração corinthiano**. São Paulo: Fundação Nestlé, 1992.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e rendição**: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916. Dissertação (Mestrado), PUC, São Paulo, 1992.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

UNZELTE, Celso. **Bíblia do corinthiano**: livro e documentos históricos de um centenário de conquistas. São Paulo: Panda Books, 2010.

* * *

Recebido em: 04 abr. 2024.
Aprovado em: 23 maio 2024.